

INTERTEXTO REAL E INVENTADO EM BORGES

ANA CLÁUDIA RÖCKER TRIERWEILLER

Universidade Federal de Santa Catarina
anarocker@yahoo.com.br

ANDRÉA CESCO

Universidade Federal de Santa Catarina
andrea.cesco@gmail.com

Os contos fantásticos do escritor argentino Jorge Luis Borges estão atraindo cada vez mais leitores. Entretanto, a dificuldade em decifrar os enigmas da sua prosa, devido, entre outras coisas, à enorme quantidade de citações utilizadas, faz com que grande parte dos leitores não compreendam, ou compreendam parcialmente, os seus contos.

Visando facilitar a leitura e oferecer aos estudantes e a todos os interessados no mundo imaginário borgeano um material de apoio, é que surgiu a idéia de elaborar roteiros de leitura das principais obras do autor de *El Aleph*. A primeira parte deste projeto tem por objetivo investigar minuciosamente as citações e as referências encontradas nos 16 contos de *Ficciones*¹, em geral considerado pela crítica como um de seus livros mais importantes e mais originais.

Iniciamos esta pesquisa com o conto «Tlön Uqbar Orbis Tertius», e encontramos 73 referências a nomes de pessoas, obras e lugares. Se

considerarmos a extensão do conto (13 páginas na edição das *Obras Completas*¹, em espanhol) veremos que esse número é bastante elevado, dificultando, sobremaneira, sua leitura.

À primeira vista estas referências dão a impressão de serem pura ficção, porque estão inseridas num conto fantástico. E o leitor do conto fantástico está, por assim dizer, preparado para aceitar que tudo, ou quase tudo, que lê tenha caráter fictício. No entanto, a primeira surpresa desta pesquisa foi que quase todas as citações empregadas por Borges, neste conto, são verdadeiras. O que realmente parece sugerir a idéia de ficção é a maneira como essas citações se encontram distribuídas no texto.

Borges possui, como se sabe, uma grande erudição e demonstra isso no conto «Tlön». Faz referência aos mais diversos campos de seu conhecimento de mundo, tais como a geografia, quando cita países como Iraque, Armênia, Erzerum; o pensamento religioso e místico, quando fala dos ortodoxos, dos gnósticos, da sociedade Rosa-Cruz, e dos heresiarcas; as doutrinas filosóficas: monismo, sofismo, materialismo, etc.

Nas referências relativas a escritores e filósofos nos deparamos com vários nomes conhecidos que são amplamente citados por Borges em outros contos, e facilmente encontrados em enciclopédias, como é o caso de Schopenhauer, Berkeley, Hume, entre outros. Entretanto, há também escritores e filósofos não canônicos, desconhecidos do grande público, e mesmo do leitor culto médio, que Borges faz questão de incluir nos seus contos sem dar maiores explicações, como Meinong e Dalgarno.

En la literatura de este hemisferio (como en el mundo subsistente de Meinong) abundan los objetos ideales, [...] (p. 435).

Una sociedade secreta y benévola (que entre sus afiliados tuvo a Dalgarno y después a George Berkeley) surgió para inventar un país (p. 440).

Borges, certamente, não os inclui por acaso. Duas dessas referências, um tanto obscuras, e que não chamam a atenção dos críticos consultados, dizem respeito justamente a Meinong e a Dalgarno. Facilmente podemos pensar que se trata de invenções borgeanas destinadas a confundir o leitor, mas a verdade é que eles existiram e desempenharam um papel importante em círculos filosóficos restritos. Assim, Alexius Meinong (1853-1920) é um filósofo austríaco que ficou conhecido por sua teoria dos objetos inexistentes e que ainda hoje merece atenção dos especialistas, como prova o recém publicado *Meinong's Theory of Objects and Values*, (2nd ed., Oxford: Clarendon Press, 1963) de J.N. Findlay. O segundo, George Dalgarno (1626-1687), é escocês, e fez parte, no século XVII, de um grupo de intelectuais que estudou os problemas lingüísticos. Em 1680 publicou *Didascalocophus or the Deaf and Dumb man's tutor* (Instruções para Surdos e Mudos). Ele organizou um sistema de linguagem para surdos e mudos totalmente inovador e que até hoje é utilizado nos Estados Unidos.

É importante registrar também algumas relações que ocorrem e que sugerem que Borges não utiliza, em seus contos, os nomes por acaso. Bertrand Russell (1872-1970), filósofo e matemático, foi um dos fundadores

da lógica simbólica, e escreveu em 1904 *Meinong's Theory of Complexes and Assumptions* e uma resenha do livro *The Fourth Dimension*, de Hinton. Tanto Meinong como Hinton, e também Russell são mencionados em «Tlön»: «En marzo de 1941 se descubrió una carta manuscrita de Gunnar Erfjord en un libro de Hinton [...]» (p. 440).

Borges confiou numa oportunidade a Fernando Sorrentino que, se fosse isolado em uma ilha solitária e pudesse levar consigo somente um livro, escolheria a *História da filosofia ocidental*, de Bertrand Russell².

Borges também utiliza como personagens desse conto (e de outros igualmente) alguns de seus amigos pessoais. Entre eles está Bioy Casares (1914-1999), que é conhecidíssimo e facilmente identificável: «Bioy Casares había cenado conmigo esa noche [...]» (p. 431). Com ele Borges escreveu vários volumes de romances policiais, mezclados com observações irônicas sobre a sociedade argentina e subscritos com diversos pseudônimos: H. Bustos Domecq, B. Suárez Lynch Davis e Gervasio Montenegro.

Igualmente faz menção a outros amigos seus como Néstor Ibarra, um de seus tradutores para o francês, «Néstor Ibarra, en un artículo ya clásico de la N.R.F., ha negado que existen esos aláteres; [...]» (p. 434), e Carlos Mastronardi, escritor da sua geração que é pouco conhecido fora da Argentina, «Al día siguiente, Carlos Mastronardi (a quien yo había referido el asunto) advirtió en una librería [...]» (p.433). Com ele Borges tinha por hábito percorrer na década de 20 a cidade de Buenos Aires em longas caminhadas noturnas enquanto discutiam sobre estética e poesia.

Outra pessoa que faz parte desse círculo de amizades do escritor argentino é a obscura princesa Faucigny de Lucinge. No início pensamos que se tratava de uma figura sem existência histórica e produto da fantasia de Borges. Mas, ao pesquisar o primeiro volume das *Oeuvres complètes*, publicado pela editora Gallimard na coleção *La Pléiade*³, nos deparamos com a seguinte nota redigida por Jean Pierre Bernès, organizador do volume:

A princesa de Faucigny-Lucinge fazia parte do grupo das amigas favoritas de Borges nos anos 40, com Emma Risso Platero, Delfina Mitre, que ele chamava de 'la mística práctica' e Estela Canto. Nascida María Lidia Lloveras, era chamada Lloveras, a ruiva, por causa do seu vistoso cabelo. Imensamente rica, ela viria a casar-se com o príncipe Bertrand de Faucigny-Lucinge, filho de uma ilustre casa de origem cavaleiresca, uma das primeiras dos Estados do Duque de Sabóia, podendo orgulhar-se do título de «príncipe» do rei de França, em razão de uma aliança com Marie-Augustine, condessa de Issoudun, filha natural do Duque de Berry, assassinado em 1820. Depois de uma má gestão da sua fortuna por um administrador desonesto, ela perdeu o esposo principesco e terminou seus dias em uma modesta pensão. Borges a admirava muito; sua imaginação povoava as armas dos Faucigny-Lucinge de uma 'dura fauna heráldica' (p. 1569).

A princesa reaparece em «El inmortal», primeiro conto do livro *El Aleph*. «[...] ofreció a la princesa de Lucinge los seis volúmenes en cuarto menor [...]» (p. 533). Portanto, ela realmente existiu; Borges inventou

unicamente a ‘dura heráldica’, ou seja, um detalhe. E isso ilustra bem o seu método: misturar um pouco de ficção à grande realidade; a consequência é que todo o real tende a tornar-se fictício.

Um processo inverso, que ele utiliza com menos frequência e igual eficácia é pôr um pouco de realidade no inventado. Um bom exemplo desse procedimento é o nome de Silas Haslam, que não corresponde a nenhuma pessoa com existência histórica e que aparece como a única atribuição falsa que encontramos em «Tlön Uqbar, Orbis Tertius»: «La bibliografía enumeraba cuatro volúmenes que no hemos encontrado hasta ahora, aunque el tercero — Silas Haslam [...]» (p. 432). Com efeito, Silas Haslam aparece como o autor de uma *History of the Land Called Uqbar*, uma história tão fantástica como a do país imaginado por Borges. O título, no entanto, é verossímil, muito mais verossímil em todo caso que uma outra humoristicamente obra intitulada *A General History of Labyrinths*, que Borges introduz no conto como uma nota de rodapé: «Haslam ha publicado también *A General History of Labyrinths*» (p. 432). Porém existe um certo grau de realidade neste jogo de Borges: Haslam é, de fato, o sobrenome da sua avó materna Fanny.

E seguindo o comentário sobre Silas Haslam, Borges joga com a credulidade de seu leitor, quando nos afirma que o livro de Haslam, acima citado, figura nos catálogos da livraria de Bernard Quaritch⁴. Contrariamente ao que supúnhamos, esta livraria é real. Foi fundada em 1847 e ainda existe em Londres. Além dos livros de ciências, ciências humanas, arte, arquitetura, ela vende livros raros e manuscritos.

Borges brinca com o leitor o tempo todo. Às vezes atribui obras falsas a escritores que são reais, como por exemplo, Johannes Valentinus Andreä, «El primero Lesbare und lesenswerthe Bemerkungen über das Land Ukkbar in Klein-Asien, data de 1641 y es obra de Johannes Valentinus Andreä» (pp. 432-3). Este autor não possui nenhuma obra com este título. Outras vezes menciona livros e autores inexistentes, ou ainda o contrário, quando fala de Schopenhauer e de sua famosa obra *Parerga und Paralipomena*. Logo, há muito para ser explorado e desvendado nos contos borgeanos através do exame das suas referências literárias, filosóficas e religiosas. Esperamos oferecer, com nosso trabalho, algum suporte para que o leitor possa multiplicar suas leituras, divertir-se e aprender sempre mais com a literatura deste autor de arte tão extraordinária.

NOTAS

- 1 BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé, 1979.
- 2 RUSSEL, Bertrand. *História da filosofia ocidental*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. 3 volumes.

- 3 BERNÈS, Jean Pierre (ed.): Borges, Jorge Luis. *Oeuvres complètes*. Notices, notes et variantes par Jean Pierre Bernès. Paris: Gallimard (coll. «a Pléiade» 400), 1993.
- 4 Bernard Quaritch LTD *Antiquarian Booksellers since 1847*. Disponível em: <<http://www.quaritch.com/>>. Acesso em: 18 de junho de 2000.